

# A Organização Timbira e a "Rede Frutos do Cerrado"

Jaime G. Siqueira Jr.

Antropólogo do Centro de Trabalho Indigenista (CTI)

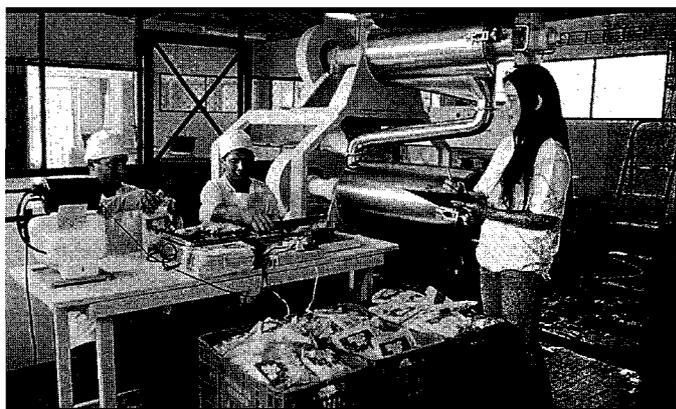


## PROJETO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA POLPA DE FRUTOS NATIVOS DO CERRADO EXPERIMENTA ALTERNATIVAS ECONÔMICAS VIÁVEIS PARA AS COMUNIDADES TIMBIRA NO MARANHÃO E TOCANTINS E SEUS VIZINHOS REGIONAIS

A associação indígena Vyty-Cati surgiu praticamente junto com a implantação do Projeto Frutos do Cerrado no Maranhão e Tocantins, que envolve também diversas organizações de não-índios. São oito cooperativas e três associações agroextrativistas de pequenos produtores, uma associação indígena representando cinco povos Timbira e duas entidades de assessoria – Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (Centru), localizados em treze municípios do sul do Maranhão e norte do Tocantins.

As atividades estão basicamente direcionadas aos aspectos de fortalecimento das organizações envolvidas, geração de renda, preservação e conservação da biodiversidade do cerrado e sustentabilidade econômica a partir do aproveitamento dos seus recursos naturais.

Os frutos nativos coletados – caju, juçara, bacuri, buriti, cajá e outros - são beneficiados na forma de polpa congelada e embalados sob a marca FrutaSã, de propriedade dos índios e uso da Rede Frutos do Cerrado para comercialização no mercado consumidor. Este beneficiamento ocorre numa unidade de processamento localizada em Carolina (MA), mas estão sendo criadas pequenas novas unidades em outros municípios, descentralizando a produ-



*Krahô, da aldeia Nova, coleta juçara.*

*Unidade de beneficiamento em Carolina.*

*Produtores rurais, parceiros dos índios no Projeto.*

HENNY MILTENBURG/FUNDAÇÃO DDEEN

ção e aproveitando uma quantidade maior de frutos. Está prevista uma nova unidade de beneficiamento em Carolina, viabilizando uma maior escala de produção de polpas, com a incorporação de novos profissionais encarregados da administração da “fábrica” e de capacitar e familiarizar os Timbira para a gestão desse processo.

Além das atividades de coleta de frutas, que ocorrem no período de setembro a fevereiro, cada organização estruturou viveiros de mudas para trabalhar o plantio de espécies nativas, adensando áreas já produtivas e recuperando áreas desmatadas.

A população envolvida também participa de cursos de formação e capacitação nas áreas de agrosilvicultura, gerenciamento e administração, contabilidade, legislação ambiental, etc.

Um dos aspectos importantes do trabalho refere-se ao tipo de manejo que se pretende difundir junto aos produtores índios e não-índios vinculados ao Projeto Frutos do Cerrado. Estão sendo estimuladas a implantação de culturas permanentes consorciadas com as culturas temporárias, viabilizando as chamadas “capoeiras melhoradas”, áreas de roça que poderão se transformar em pomares e bosques, mediante os devidos tratos culturais.

Mais do que frutíferas, a idéia é trabalhar com várias espécies para dar suporte aos sistemas agroflorestais que estão sendo implanta-

dos em unidades demonstrativas nas aldeias associadas à Vyty-Cati. É possível demonstrar a viabilidade desse sistema, em contraposição às grandes monoculturas e ao uso de agrotóxicos. Nesses sistemas deverão ser levados em conta a importância de vários aspectos: a dinâmica da sucessão natural, o tempo e o extrato que as plantas ocupam, o adensamento de plantas, o sombreamento, as podas para “rejuvenescimento”, consórcios adequados, o aumento de massa orgânica, uso de adubação verde e de controles fitossanitários.

A região tem sofrido as conseqüências de um modelo de desenvolvimento predatório e extremamente prejudicial ao meio ambiente. Desde o Projeto Carajás até o plantio das monoculturas da soja e do eucalipto, o cerrado tem sido sistematicamente destruído, pon-

## ALTERNATIVAS

O Projeto Frutos do Cerrado tem colocado alternativas importantes para os Timbira e também para seus aliados não-índios. O resultado dessa parceria será a maior proteção do entorno das áreas indígenas integrantes da Vyty-Cati, na medida em que se consolidarem alternativas econômicas viáveis para seus vizinhos não-índios, que não precisariam mais então se desfazer de suas terras em favor de fazendeiros da soja ou empresas de celulose. Está

## ANTECEDENTES

*Para entendermos o atual estágio de organização dos povos Timbira, devemos lembrar, antes de mais nada, dos antecedentes do trabalho do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) na região do sul do Maranhão e norte do Tocantins, nos últimos 20 anos. Seja através da ação indigenista, ou assessoria direta e pesquisa, o CTI de uma forma ou de outra sempre estimulou um maior intercâmbio entre os grupos Timbira. Esse processo foi uma peça fundamental para o início da organização Timbira, incentivando a criação de suas primeiras associações representativas. A pioneira foi a associação Mâkraré, das atuais aldeias Krabô do Rio Vermelho, Bacuri e Nova, fundada em 1982.*

*A partir da discussão com os mesmos Krabô e ampliação desse trabalho para as outras comunidades Timbira, surgiu a necessidade de criação de uma associação que refletisse de alguma forma a diversidade dos grupos envolvidos nos processos reivindicatórios naquela região, na verdade uma macroárea pan-Timbira, com intenso trânsito e intercâmbio cultural. A Associação Vyty-Cati das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins foi criada então englobando dez aldeias pertencentes a cinco povos: Krabô e Apinajé no Tocantins; Krikati, Gavião-Pykobjê e Canela-Apânjekra no Maranhão.*

*Estes povos partilham uma mesma língua – com variações dialetais – e um mesmo sistema sociocultural e dez de suas aldeias estão organizadas em torno da Associação Vyty-Cati. Esta entidade, fundada em 1993 e formalizada em 1994, está estruturada da seguinte forma: a Assembléia Geral é formada pelos chefes das aldeias associadas que indicam uma Diretoria Executiva, cujos cargos são distribuídos por consenso. As assembléias gerais são realizadas regularmente e é o lugar e momento privilegiado para a discussão do plano estratégico da entidade. Os diretores são os responsáveis pela execução das ati-*

*vidades e se revezam na sede para a administração. Há ainda a figura dos “estagiários”, que são jovens indígenas escolhidos por cada uma das dez comunidades associadas e que permanecem (em duplas) por 15 dias na sede da entidade em Carolina, revezando-se em várias atividades, no escritório e também na fábrica.*

*A Vyty-Cati tem gerenciado projetos na área ambiental e de etnodesenvolvimento apoiados pelo GEF/PPP (Programa de Pequenos Projetos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente) e PPG7 (PDA, fomentado pelo Ministério do Meio Ambiente) em parceria com o CTI. Possui sede própria em Carolina (MA), onde também o CTI possui um centro de formação, em uma área rural com sete hectares nas vizinhanças da cidade.*

*Depois da criação da Vyty-Cati, inúmeras outras associações foram surgindo: Associação Gavião, envolvendo as aldeias do Governador, Rubeácea e Riachinho – sendo que depois cada aldeia criou sua própria associação; Associação Pemp Kahôc, dos Krikati – seguida depois por outras associações específicas de mulheres e alunos; Associação Krinhduré, dos Apinajé; Associação Apânjekra, dos Canela da aldeia Porquinhos. A Vyty-Cati, por sua vez, passou a se constituir então como uma espécie de federação de associações dos povos Timbira, da qual não participam ainda apenas os Gavião-Parketejê e os Canela-Ramkokamekra. Deve-se destacar ainda o crescimento da organização do grupo de professores Timbira, que compõe atualmente um departamento específico dentro da Vyty-Cati e é assessorado pelo CTI. Além dos projetos ambientais e de geração de renda, o CTI mantém há oito anos um projeto de formação e capacitação de professores indígenas e de produção de material didático com apoio da Rainforest da Noruega e do MEC.*

claro que um projeto global para os Timbira não deve ser um projeto exclusivamente étnico, mas ter um caráter regional e intercultural.

Outro aspecto relativamente inédito nesse processo, além da articulação intergrupos Timbira e interétnica num plano macrorregional, refere-se obviamente ao destaque do cerrado como ambiente que abriga uma sociobiodiversidade riquíssima, mas que carece de aliados para a sua defesa e preservação, sendo considerado em geral como um bioma menor, cuja principal utilidade seria mesmo a de ser uma das últimas fronteiras agrícolas do país. Mosaico de variados ecossistemas, o cerrado é um dos biomas brasileiros com maior número de espécies comestíveis e frutíferas. São brejos, matas de galeria, chapadas, carrascos, veredas, que fazem do cerrado brasileiro a mais rica savana do planeta.

O aproveitamento sustentável e o beneficiamento de produtos extrativos do cerrado poderá propiciar não somente a maior preservação desse ambiente, como viabilizar a auto-sustentação econômica de suas populações tradicionais. Mais do que isso, todas as atividades envolvidas com o plantio de culturas permanentes, coleta de frutas e manejo do cerrado resultarão também num processo de maior controle territorial por parte dos índios, tendo em vista uma valorização dos recursos naturais disponíveis e suas estratégias de uso.

## DESAFIOS

O que está em jogo portanto é a definição de uma estratégia de desenvolvimento, ou etnodesenvolvimento pelos grupos Timbira. Além das questões de produção e comercialização, outros aspectos fazem parte das preocupações e atividades da Vyty-Cati, como a

educação e a saúde. Em função de sua própria dimensão, a Vyty-Cati encontra dificuldades enormes em relação à gestão e administração dessas várias demandas e projetos das diversas aldeias associadas. Faltam agentes mais qualificados para acompanhar esse processo, o que coloca a urgência na capacitação e formação de quadros para uma melhor gestão das inúmeras atividades de uma associação/federação indígena. A Vyty-Cati não está distante de alcançar verdadeiramente sua autogestão, mas desafios importantes precisam ser superados. Para tanto, será necessária uma convivência maior entre os diferentes grupos que compõem a associação, pois as especificidades culturais determinam uma forma organizacional própria e diferenciada, porém muitas vezes difícil de conciliar com as rotinas e tarefas cotidianas de uma associação. Portanto, também é preciso dominar melhor um campo de ação bem conhecido dos cupen (não-índios), da administração e planejamento de atividades associativistas/cooperativistas, de projetos, recursos, orçamentos, etc.

A Vyty-Cati possui sustentabilidade social e política, pois tem ampla base social, passando por um processo inclusive de crescimento e expansão, com a incorporação de novas aldeias associadas. É preciso traduzir isso em suporte organizacional e autonomia na gestão dos projetos de desenvolvimento. O Frutos do Cerrado é um desses projetos, cuja sustentabilidade econômica é fundamental – seu sucesso e conseqüente geração de renda possibilitará que a Vyty-Cati invista as sobras do seu empreendimento agroindustrial em outros projetos de caráter social. Não depender mais de recursos externos e nem da Funai para desenvolver seus projetos é um sonho dos Timbira, que pode estar cada vez mais próximo. (maio, 2000)

## QUAIS SÃO OS POVOS “TIMBIRA”

### NO MARANHÃO

Os *Pykobjê* ou *Gavião*, com uma população de 488 pessoas, estão distribuídos em três aldeias (Governador, Riachinho e Rubeácea) e são atendidos pela AER da Funai de Imperatriz. Na área estão instalados dois postos de assistência desse órgão, o PIN Governador, que se responsabiliza pelas aldeias do Governador e Riachinho, e o PIN Rubeácea, que atende a aldeia de mesmo nome. Seu território (AI Governador) localiza-se nas proximidades da cidade de Amarante.

Os *Krikati*, com 534 índios, são atendidos pela Administração Regional de Araguaína (TO) - AER-Funai. Até 1995 estavam vinculados à Administração Regional de Imperatriz (MA), entretanto, por desavenças com essa Administração devido ao que consideravam seu pouco empenho em relação à demarcação de seu território, conseguiram a transferência administrativa para Araguaína. A AI *Krikati* localiza-se nas proximidades da cidade de Montes Altos (MA).

Os *Canela do Ponto* (*Ramcôcamekra*, com uma população de 1.344 índios, distribuídos em duas aldeias na AI *Kanela*) e de *Porquinbos* (*Apânjêkra*, 432 índios, numa única aldeia na TI *Porquinbos*) estão localizados no Maranhão e são “atendidos” pela Funai-AER de Barra do Corda. Essa cidade é a mais próxima das duas AIs - localizada a 62 km da AI *Kanela* e 78 km da AI *Porquinbos*.

### NO TOCANTINS

Os *Krabô* (AI *Kraolândia*) estão distribuídos em nove aldeias: *Pedra Branca*, *Pedra Furada*, *Manuel Alves*, *Santa Cruz*, *Cachoeira*, *Furna*, *Rio Vermelho*, *Bacuri* e *Aldeia Nova*, e em quatro núcleos residenciais isolados: *Lagoimba*, *Serra Grande*, *Riozinho* e *Morro do Boi*. A população atual é de 1423 índios. As aldeias do *Rio Vermelho* e *Nova* estão próximas da cidade de *Goiatins* e as demais de *Itacajá*, ambas no norte do estado. A AER da Funai em Araguaína mantém junto aos *Krabô* quatro postos de assistência (PIN). Entretanto a assistência prestada às aldeias é precária. Aliada às dificuldades crônicas da Funai, existem sérias dificuldades de acesso à maioria das aldeias.

Os *Apinajé*, segundo censo da Funai (ADR/Araguaína1997), têm uma população de 1025 índios. Os dois Postos Indígenas mantidos pela Funai nesta área (*Apinajé* e *São José*) estão jurisdicionados à ADR de Araguaína (TO). O PIN *São José* atende à aldeia do mesmo nome (a maior aldeia *Apinajé* e sede do PIN), além das aldeias *Patizal* e *Cocalinbo*. Estas aldeias estão situadas a leste da área indígena. Um chefe de posto da FUNAI coordena os trabalhos de assistência nestas três aldeias. O PIN *Apinajé* atende as aldeias de *Mariazinha* (sede), *Riachinho*, *Bonito* e *Botica*, todas situadas à oeste da área. AAI *Apinajé* localiza-se próxima à cidade de *Tocantinópolis* (TO). (maio, 2000)